

# A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana

The Sci-Fi Constellation: an investigation of the contradictions of capitalism in science fiction cinema from the perspective of Frankfurtian Critical Theory

Victor Finkler Lachowski<sup>1</sup>

## Resumo

Esta pesquisa investiga as contradições do capitalismo no cinema de ficção científica a partir de filmes nos quais os meios de comunicação possuem relevância em suas narrativas: *They Live* (1988), *Bacurau* (2019) e *Videodrome* (1983). A discussão teórica se realiza à luz da Teoria Crítica Frankfurtiana, utilizada por ser uma abordagem materialista histórico-dialética que possibilita analisar produções culturais a partir de uma crítica à lógica produtiva a qual estas obras são atreladas, bem como dos conteúdos artísticos das obras fílmicas. A metodologia utilizada é o Método das Constelações, que busca a relação dialética entre ideias e fenômenos. Como resultados, as ideias observadas e desenvolvidas para formação da constelação são as que nomeiam os eixos de análise: Indústria Cultural, Luta de Classes e Dominação Tecnológica, desenvolvidas por meio da estrutura de Conspiração dentro dos fenômenos, de maneira que a Origem da Ficção Científica, a Revolução Industrial Burguesa e o desenvolvimento do capitalismo imperialista, são mediados por uma vasta dimensão alegórica de objetos, locais, núcleos de personagens e cenas.

**Palavras-chave:** Ficção Científica; Teoria Crítica; Cinema; Escola de Frankfurt.

## Abstract

This research investigates the contradictions of capitalism in science fiction cinema from films in which the media has relevant presence in the narratives: *They Live* (1988), *Bacurau* (2019) and *Videodrome* (1983). The theoretical discussion is

1

Doutorando em Comunicação (PPGCOM-UFPR), Mestre em Comunicação (PPGCOM-UFPR), Bacharel em Publicidade Propaganda (UFPR), integrante do Núcleo de Estudos de Ficção Seriada e Audiovisualidades (NEFICS). Sócio da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Bolsista CAPES-DS. Escritor, roteirista e redator.  
E-mail: victorlachowski@hotmail.com

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

conducted in light of the Frankfurt School's Critical Theory, chosen for its historical-dialectical materialist approach that allows the analysis of cultural productions through a critique of the productive logic to which these works are tied, as well as the artistic content of the films. The methodology employed is the Constellation Method, which searches for the dialectical relationship between ideas and phenomena. As a result, the ideas observed and developed to form the constellation are those that name the axes: Cultural Industry, Class Struggle and Technological Domination, developed through the Conspiracy structure within the phenomena, so that the Origin of Science Fiction, the Industrial Revolution and the development of imperialist capitalism are mediated by a vast allegorical dimension of objects, locations, character groups and scenes.

**Keywords:** Science Fiction; Critical Theory; Cinema; Frankfurt School.

### Introdução – Um Céu sem Estrelas

A definição do que caracteriza uma produção cultural enquanto uma "ficção científica" normalmente se ancora na relação dialética "estranhamento-cognição" (Suvin, 1979; Sobchack, 1997; Rodrigues, 2013) a partir de uma "extrapolação", isto é, um "exagero" intencional que exacerba a divisão entre a obra e a realidade vivida pela humanidade.

Essas considerações, quando erroneamente interpretadas como meramente transcendentais (devido à sua ênfase no que é estranho e novo, supostamente "inexistente") podem levar à percepção equivocada de que a ficção científica se afasta da realidade social e da materialidade histórica. Contudo, do ponto de vista da intencionalidade do artista, a ficção científica pode ser justamente onde a realidade é representada. Para ilustrar essa reflexão, Ursula Le Guin, constata: "a ficção científica não prevê; descreve" (Le Guin, 2014, p. 9). Descreve o quê? As considerações do autor sobre a realidade humana, utilizando-se do estranhamento cognitivo, para oferecer uma visão ampliada e provocativa, pois

[...] escritores de ficção, pelo menos em seus momentos mais corajosos, realmente desejam a verdade: conhecê-la, dizê-la, servi-la. Mas seguem um caminho tortuoso e peculiar, que consiste em inventar pessoas, lugares e eventos que nunca existiram ou existirão de verdade, contando essas histórias fictícias de forma extensa, detalhada e com uma boa dose de emoção; e então, quando terminam de escrever esse monte de mentiras, dizem: "Aí está! Eis a verdade!" (Le Guin, 2014, p. 10).

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

A realidade, a “verdade” observável pelos sentidos e a cognitividade do autor de ficção científica, constitui um conjunto de fenômenos, eventos, lugares, personalidades e comportamentos a serem descritos e minuciosamente alterados. Essas modificações têm o propósito de criar narrativas que, ao final, não apenas nos oferecem visões do futuro, mas também transfiguram o passado e o presente para que estes sejam refletidos e impulsionados (Le Guin, 2014).

Na ficção científica (FC), Darko Suvin (1979) reforça que essa encontra na realidade uma importância empírica, pois busca potencialidades históricas a serem exploradas, tematizadas e, de certa maneira, representadas. O estranhamento cognitivo da FC, viabilizado pelo *novum*, é a capacidade de fazer quem vem ao seu encontro tentar compreender uma cientificidade ficcional, permitindo assim o consumidor de uma ficção científica refletir a realidade de maneira simultaneamente imanente-transcendente. Isso é viabilizado pela ferramenta dialética, de constante diálogo com temas, atitudes e paradigmas de outras produções culturais fora da ficção científica, mas principalmente pelos processos dialéticos com a ciência, filosofia e materialidade socioeconômica.

Por isso, ergueu-se o questionamento para problematização dessa pesquisa: como a ficção científica, que possui em si as características de uma contradição de imanência e transcendência, identidade-estranhamento, capacidade dialógica, dialética e analógica, irá representar as contradições do capitalismo em obras críticas?

Para isso, são analisadas três obras: *They Live* (1988), *Bacurau* (2019) e *Videodrome* (1983). O recorte foi estabelecido na busca de filmes de FC que tenham os meios de comunicação como elementos centrais em suas narrativas, além de realizarem críticas às ideologias hegemônicas e às forças sociais dominantes. Como diretriz metodológica de uma Constelação Fílmica, o recorte não necessita seguir um padrão de realizador, país de produção ou período histórico, permitindo liberdade para seleção a partir de desencontros e distanciamentos na configuração de aproximações por extremos dialéticos, conforme explicado na seção metodológica.

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

### Abordagem Teórica – Ficção Científica e Teoria Crítica

A FC, como um corpo organizado de obras de arte com sentido histórico-material, tem sua origem na interação de dois fenômenos históricos. Em primeiro lugar, a Revolução Industrial Burguesa, ocorrida no século XIX (Suvin, 1979; Rodrigues, 2013); em segundo, a expansão do Imperialismo (Roberts, 2000; Rodrigues, 2013).

A Revolução Industrial Burguesa promoveu alterações profundas nas formas de viver em sociedade, afetando tanto os modos de produção quanto as interações sociais e a estrutura do tecido social. Essas mudanças se manifestaram nas relações entre os trabalhadores e os meios de produção, transformando o instrumento de trabalho em um concorrente com o qual os trabalhadores precisavam lutar incessantemente para provar seu valor, além da concentração dos meios de produção nas mãos da burguesia (Horkheimer, 1990).

Diante dessas transformações sociais, o gênero da ficção científica combinou as inovações científicas e sociotecnológicas da Revolução Industrial com as formas emergentes de opressão social resultantes das novas estruturas capitalistas e suas burguesias. As novas tecnologias suscitaram questionamentos sobre o papel das técnicas na sociedade, e esses medos e expectativas foram refletidos nas obras de FC (Suvin, 1979).

FC é compreendida como um conceito abrangente que possibilita nomear um conjunto de fenômenos aos quais compartilham ideias dentro de uma configuração dialética de extremos (imanência-transcendência/estranhamento-cognitividade). Por essa razão, este artigo compreende a FC no cinema não como um gênero cinematográfico generalista, mas como uma tendência operativa (Freedman, 2000) do que é realizado nos filmes investigados. Assim, abraçar o hibridismo intrínseco da ficção científica (Santana, 2015) torna o caminho muito mais propenso à investigação de suas ideias centrais, utilizando o materialismo histórico-dialético ao invés de um essencialismo metafísico.

Como aponta Christos Kefalis (2009), apesar de concordar que na história do cinema de ficção científica existem diversos exemplos de obras que exaltam o reacionarismo capitalista e o Imperialismo, existem diversos filmes de FC que utilizam simbolismos do imaginário para fazerem críticas sociais em uma função realista de revelar e apontar contradições, com a capacidade de

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

despertar consciência por meio de suas denúncias e enunciações.

Isso implica em entender o papel e a função que a ciência e a tecnologia exercem dentro das narrativas de FC, sendo essencial compreender a influência do contexto social, cultural, político e econômico no qual a ciência está imersa, e o impacto desses elementos para o desenvolvimento técnico-científico na sociedade vista em tela (Mattos, 2018). Essa perspectiva nos possibilita investigar como se manifestam os fenômenos empíricos derivados do modo de produção capitalista nas operacionalizações de filmes de ficção científica.

Exemplo disso mostra Adam Roberts (2000), em seu debate a respeito da fetichização e da reificação na ficção científica, ao apontar um direcionamento pela relação entre pessoas e coisas, em uma dualidade que causa fascinação e que expõe o poder das coisas, de maneira que, em muitos exemplos de obras do gênero, objetos como máquinas, computadores e outras “coisas” adquirem vida ou ao menos uma consciência de sua própria existência.

Com essas narrativas, a interação entre humanidade e objetos fetichizados ganha outra proporção, e a ficção científica trabalha a reificação através de níveis de interconexão das relações humanas, materiais e imateriais. Isso ocorre também na representação das tecnologias e nas interações e convivências com essas tecnologias, suas produções de sentido sob o ser humano, e na complexidade em diferenciar o que é vivo e sentimental do que não é.

China Miéville (2014) argumenta que a realidade social vivida no capitalismo é a do fetichismo da mercadoria. Por isso, a ficção científica e demais tendências artísticas fantásticas podem ser de interesse para abordagens teóricas marxistas ao considerarmos que, na subjetividade moderna, as relações sociais entre pessoas são determinadas como uma relação entre coisas, enquanto as produções dos humanos parecem dotados de vida própria, como se independessem de suas relações com outras coisas e com os próprios humanos. Essas relações, quando abstraídas, resultam em um controle dessas mercadorias sob nossas relações sociais, que passam a ser resumidas a interações e relações entre coisas.

A Teoria Crítica proporciona uma abordagem para a análise do cinema de FC, uma vez que entende que “o cientista e sua ciência estão atrelados ao aparelho social, suas realizações constituem um momento da autopreservação

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

e da representação contínua do existente, independente daquilo que imaginam a respeito disso” (Horkheimer, 1980b, p. 122-123). Por meio dessa abordagem, a ciência representada em tela será mais um setor da sociedade que irá voltar para a sua superestrutura (modelo de produção das condições de vida), pois como afirma Marcuse (1997, p. 146), em *Filosofia e Teoria Crítica*, “a totalidade da sociedade é e era determinada pelas relações econômicas, de modo que a economia não-controlada controla todas as relações humanas, também todos os não-econômicos estão contidos no econômico”.

A presente investigação se debruça sobre a ficção científica estabelecendo a Teoria Crítica como a abordagem teórica para realizar uma crítica cultural. Tal abordagem permite analisar as diversas dinâmicas sociais a partir de um conjunto de ferramentas para compreender a “estrutura homogênea que rege uma confusa multiplicidade de eventos”. O desenvolvimento das ideias na realidade é moldado pela noção dialética materialista de Marx e Engels, na qual as estruturas e dinâmicas da evolução histórica são tidas como atributos funcionais do ser humano, assim como seus conceitos e ideias são frutos do pensamento humano (Horkheimer, 1990).

Dessa forma, a tarefa da crítica dialética é decifrar quais os elementos da “tendência geral da sociedade se manifestam através desses fenômenos” (Adorno, 2002, p. 56-57). Fenômenos estes compreendidos como as próprias obras de arte. Na obra de arte, ou em qualquer forma de produção cultural, o materialismo-histórico busca arrancar a obra de sua vida determinada, de seu período de composição, transcendendo-a para incluí-la no conjunto de sua historicidade. Esse enfoque busca compreender a obra como parte integrante da totalidade do processo histórico do qual faz parte (Benjamin, 2012).

A dialética marxiana utilizada, aponta Adorno (2022), enquanto forma de pensamento crítico exige imanência de sua crítica. Ou seja, deve ocorrer onde esta se realiza. No caso de uma produção artística dentro do capitalismo, ou que represente a sociedade capitalista, a crítica deve ser conduzida considerando a maneira como ela, a partir de si mesma, se apresenta e se afirma.

Uma crítica dialética baseada nas contradições do capitalismo parte da configuração delineada por Horkheimer (1980a), que estabelece uma tensão entre o idealismo liberal e as observações empíricas na práxis reacionária

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

do capitalismo. Conceitos como troca justa e economia livre, dominantes na teoria, revelam, na prática, injustiça social, exploração dos corpos e mentes da classe proletária, monopólios burgueses e miséria generalizada para grande parte da sociedade.

Quando isso significa um conceito artístico originado e desdobrado ao longo do modelo de produção capitalista (que é o caso da ficção científica e dos filmes analisados), deve-se considerar a barbárie derivada do esclarecimento, como apontam Adorno e Horkheimer (2002), e como no capitalismo as relações econômicas barram “um número cada vez maior de pessoas a felicidade que seria possível com base na abundância geral de recursos econômicos” (Horkheimer, 1990, p. 58). Segundo a Teoria Crítica, na superestrutura do capital, a retenção dos meios de produção por parte da burguesia e a monopolização do capital em si também são dependentes da redução de esforços na cultura e na ciência e do embrutecimento da vida privada e pública.

### Procedimento Metodológico – Constelações

Desenvolvido por Walter Benjamin, o Método das Constelações visa a compreensão, distinção e categorização de uma obra ou conjunto de obras artísticas na busca pelas Ideias, Elementos, Aspectos-Extremos, Estrutura, Origem e Alegoria compartilhados entre essas obras (Benjamin, 1984). Com a adaptação pela lógica adorniana, utiliza-se conceitos e terminologia marxista para nomear essas ideias (Buck-Morss, 1977).

Nesta pesquisa, seguiu-se os passos de Sérgio Paulo Rouanet (1984) para o método ser uma “investigação estrutural” em algumas etapas:

1. O primeiro passo consiste em compreender a relação dialética entre Ideias e fenômenos e como os fenômenos se agrupam ao redor dos aspectos extremos das ideias. As ideias possuem uma Estrutura intemporal, que existe virtualmente, mas vai recebendo seu conteúdo através do desdobramento da história empírica, pela ação dos homens. O investigador no final da análise da estrutura encontrará a Origem dessa, o local de nascença daquela ideia. Através da descrição dos fenômenos, com uma análise de sua estrutura, é encontrada a origem da ideia;

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

2. A forma de um conceito auxiliar abstrato (como a FC) é a Ideia, e as obras daquele conceito são os Fenômenos. Os elementos que constituem os aspectos extremos dos fenômenos precisam ser analisados enquanto uma polarização básica, na qual o movimento de *Aufhebung* corresponderá à configuração geral do fenômeno;
3. A partir do momento que essa Estrutura é descoberta, aprofunda-se as leituras e interpretações históricas sobre os elementos que a constituem. Assim, é necessário realizar o caminho inverso e, após encontrar a Estrutura, essa imersão chegará na Origem: o solo histórico de constituição de mundo onde se origina aquela Ideia;
4. Essa homologia entre a Estrutura interna e conteúdos externos presentes no Fenômeno e suas Ideias é encontrada por meio da Alegoria: a relação de correspondência entre todos os elementos que formam aquela Ideia;
5. Ao fim da descoberta da Estrutura, pela análise dos aspectos extremos, atingida a Origem da Ideia, e mostrada a mediação alegórica nos fenômenos, o método de investigação está concluído e as Ideias daquele Fenômeno estão representadas.

### Ideias, Estrutura, Origem e Dimensão Alegórica da Constelação Sci-fi

A investigação realizada nos filmes *They Live* (1988), *Bacurau* (2019) e *Videodrome* (1983) revelou uma vasta dimensão alegórica através de personagens, objetos, locais e situações observadas, nas quais as ideias dos fenômenos investigados foram divididas em uma tríplice relação, como um triângulo piramidal no qual cada ponta é uma ideia e seus aspectos extremos, estando cada ideia conectada com as outras duas.

A divisão de classes forma a ideia de Luta de Classes, contradição base para o materialismo histórico-dialético e a Teoria Crítica. A luta que surge das relações de produção e de troca de uma determinada época e local determinam assim qual é a Luta de Classes de um período histórico. Justifica-se assim a crítica de Horkheimer (1980b) não só ao capitalismo, mas ao modo como as ciências investigam as relações humanas ao longo



A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

da história. A constatação de que a organização social não corresponde ao interesse de todos, mas, ao contrário, está intrinsecamente ligada ao trabalho humano e às divisões de classe resultantes das relações de produção, evidencia que as complexidades das sociedades humanas beneficiam a classe dominante. No caso do capitalismo, essa classe é a burguesia, em detrimento da classe diretamente produtiva, representada pelo proletariado.

O capitalismo é destacado como o sistema que visa acabar com a conscientização da coletividade, sendo de interesse da burguesia o individualismo ascendente entre os seres humanos, com a coletividade sendo desejada apenas em sua forma nacionalista imaginária e reacionária, na qual a ânsia pelo poder é a mesma da burguesia dominante (Horkheimer, 1980a). Com essas considerações, buscou-se demonstrar a posição política da arte em seu duplo sentido, de argumento de discurso e disposição de imagens, com a capacidade de desmontar a história idealista para remontá-la em sua verdadeira dimensão política. Expondo, assim, os combates e lutas da humanidade no momento de tomar partido frente às contradições da realidade, bem como as imagens da arte participam dessa tomada de posição política (Didi-Huberman, 2017).

Na sequência de uma sociedade cujos processos de produção industriais capitalistas se estendem para as demais áreas da experiência de existência humana, a Indústria Cultural é fundamentada no conceito elaborado por Theodor Adorno e Max Horkheimer (2002) ao estudarem o fenômeno de produção de bens culturais dentro da sociedade do capital. Ao compreender os meios de comunicação como instâncias de produção nos quais a produção de cultura, informação e entretenimento correspondem à repetição das relações de produção e divisão social do trabalho, assim como ocorre em outros setores do modo de produção capitalista, os pesquisadores críticos conseguiram identificar os conteúdos veiculados por esses meios como formas de disseminação e perpetuação da ideologia burguesa. Essa ideologia exerce controle e sustenta o setor comunicacional/cultura, sobretudo via financiamento publicitário (Horkheimer, 2002).

Assim, o conceito de Indústria Cultural pode ser definido como o movimento global da produção cultural enquanto mercadoria, com esses produtos (filmes, programas de rádio e televisão, revistas, música) corroborando e perpetuando a racionalidade técnica dos setores produtivos



A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

fabris, com o mesmo esquema de organização e planejamento administrativo de uma linha de produção em massa que confere o ar de semelhança entre tudo que é consumido na sociedade contemporânea (Horkheimer, 2002).

A padronização da Indústria Cultural gera produções repetitivas nas quais as diferenças também existem para corresponder a demandas, atingindo uma cultura de consumo massivo voltada para esses produtos que trazem a serialização-padronização-divisão do trabalho (Horkheimer, 2002). O resultado dessa racionalidade técnica, advinda do modelo econômico capitalista, é a coerção da cultura para uma sociedade alienada, que assim elimina o papel filosófico-existencial da cultura (Horkheimer, 2002).

Isso porque a produção, em seu modelo, técnicas e divisão social do trabalho, corresponde à ideologia hegemônica da sociedade capitalista. Ideologia essa que se faz presente em todas as formas de comportamento humano e cujo materialismo marxista-frankfurtiano encontra-se fundamentada na teoria econômica da sociedade (Horkheimer, 1990). A cultura, na forma de arte, comunicação e entretenimento, só se torna possível em consequência da reprodução da divisão de dominantes e dominados do modelo econômico base. A Indústria Cultural revela que esses bens materiais são resultados do processo de produção e divisão de trabalho da sociedade desigualitária e monopolista do capital (Horkheimer, 1990).

A ideia de dominação tecnológica, com o aporte da Teoria Crítica, compreende as tecnologias desenvolvidas cientificamente como elementos que podem ser observados a partir de relações de poder, interesses de classe, local nos meios e relações de produção, formas de exploração de dominantes sobre os dominados existem por detrás delas.

Assim, é possível compreender a ciência e tecnologia como um campo de trabalho da sociedade e, como todos os demais, que funciona em codependência visando o funcionamento da totalidade social, baseada no campo econômico, de produção (Horkheimer, 1980b).

Rodrigues (2013) complementa que a ficção científica olha para o social com semelhante preocupação, ao colocar as tecnologias e ciências à frente de suas tramas, seja na constituição do plano de fundo de uma narrativa ou nos elementos subjetivos que compõem seus discursos. Os interesses de classe, do capital e os projetos de alienação e domesticação do proletariado são temáticas próximas do gênero, que tenta estabelecer exemplos de

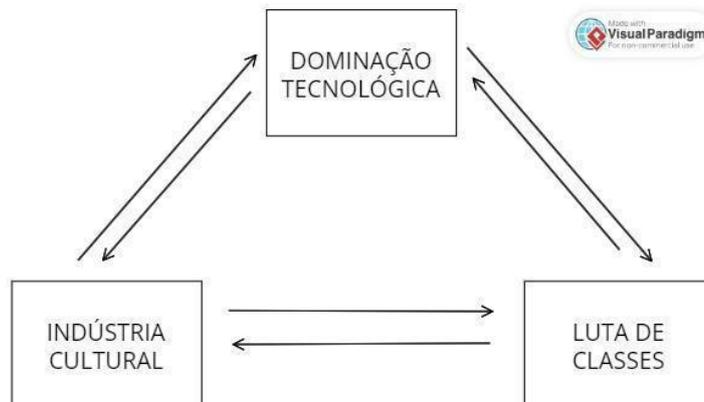


A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

usos antiéticos e imorais, e a visão pessimista do desenvolvimento científico quando voltado a atender os anseios da burguesia exprimem bem sua função crítica e a aplicação dessa perspectiva para negar o capitalismo tardio, o neoconservadorismo e outras variantes do modelo centrado no acúmulo de capital.

Na sequência de uma sociedade cujos processos de produção industriais capitalistas se estendem para as demais áreas da experiência de existência humana, a Indústria Cultural é fundamentada no conceito elaborado por Theodor Adorno e Max Horkheimer (2002) ao estudarem o fenômeno de produção de bens culturais dentro da sociedade do capital. Ao compreender os meios de comunicação como instâncias de produção nos quais a produção de cultura, informação e entretenimento correspondem a repetição das relações de produção e divisão social do trabalho, assim como ocorre em outros setores do modo de produção capitalista, os pesquisadores críticos conseguiram identificar os conteúdos veiculados por esses meios como formas de disseminação e perpetuação da ideologia burguesa. Essa ideologia exerce controle e sustenta o setor comunicacional/cultura, sobretudo via financiamento publicitário (Horkheimer, 2002).

Figura 1: Relação piramidal entre as Ideias da Constelação Sci-fi



Fonte: elaborado pelo autor.

Com as ideias definidas, ficou observável que a estrutura dos filmes corresponde a lógica de Conspiração, na qual a configuração dialética de extremidades apresenta a Invasão e Resistência como as classificações apropriadas por estarem ancoradas na mesma lógica de dominador/

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

dominado na qual se baseiam as ideias.

Dessa maneira, as análises evidenciam as contradições do capitalismo e como essas contradições geram os conflitos de tomada de poder, no qual o antagonismo das classes representadas nos filmes toma forma como crítica ao modelo de produção capitalista.

A Origem remete à razão de devir da ficção científica, historicamente explicada pela Revolução Industrial Burguesa, quando a consolidação da burguesia, de seus valores, e do capitalismo ocorrem por novos modelos e relações de produção que constroem novas divisões da sociedade e novas formas de organização social (Suvín, 1979), e como o desenvolvimento do capitalismo dialoga com os contextos de produção dos objetos, como a ascensão do neoliberalismo do governo Reagan nos EUA, *They Live* (1988) e *Videodrome* (1983), bem como a ascensão do neoconservadorismo que culminou no governo de Jair Messias Bolsonaro no Brasil, *Bacurau* (2019).

Com essas ideias de Luta de Classes, Dominação Tecnológica e Indústria Cultural vislumbradas na estrutura da ficção científica podemos observar por uma investigação histórica como os filmes trazidos reinterpretam o contexto histórico-material dos períodos em que foram desenvolvidos, fazendo um caminho que nos leva a origem do sci-fi: a consolidação do modelo de produção capitalista e da burguesia como classe dominante através da sua Revolução Industrial (Suvín, 1979; Rodrigues, 2013), que resulta, como aponta Elsa Margarida Rodrigues (2013, p. 48) em uma “uma expressão subconsciente da ideologia imperial, quer se trate dos impérios coloniais do século XIX, quer da hegemonia cultural norte-americana do século XX”.

A mediação entre essas ideias, suas representações em extremos, estrutura e origem da ficção científica é preenchida por uma ampla riqueza de expressões de representações alegóricas, que derivam das reformulações do simbolismo da nossa era materialista pautada pelo desenvolvimento tecnológico.

Na compreensão de Walter Benjamin (1984), a alegoria é uma forma de expressão que, segundo Didi-Huberman (2017), em seu envelhecimento, cria um conflito entre as suas significações mais antigas e recentes. É possível captar sua forma materialista histórico-dialética ao se apropriar da história

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

e ao mesmo tempo a faz, além de espacializar o contínuo cronológico ao fracionar a natureza em objetos parciais, emblemas de representações em uma multidão caótica (Didi-Huberman, 2017). As alegorias podem ser uma expressão de convenções sobre as quais a história em geral também indica a função da alegoria enquanto convenção criada (Benjamin, 1984).

Adam Roberts (2000), em sua priorização do *novum*, no qual um “estranhamento”, ou “alienação” deve ser provocado no espectador quando este se depara com uma obra de ficção científica, aborda o processo de construção de um ambiente inteiro no qual a textura da ficção científica opera metaforicamente. Esses elementos alegóricos servem como mediadores para essas ideias, agrupadas nos fenômenos e organizadas nas estruturas, e precisam estar vinculados tanto à origem, quanto ao desenvolvimento científico no modo de produção capitalista. Esses elementos também devem se conectar às novas formas de organização social desse modelo de sociedade, abrangendo seus fenômenos empíricos e desdobramentos históricos.

Dessa forma, recorreu-se às alegorias para compreendê-las como formas de expressão, assim como expressões de convenções. Justifica-se desta forma a lógica de como essas alegorias expressas em objetos, personagens, grupos, locais etc. são incorporadas e apresentam momentos de mediação com as estruturas internas dos filmes analisados. Isso inclui a maneira como são utilizadas e descartadas com objetivos específicos dentro dessas lógicas internas.

Em *They Live* (1983) os óculos revelam ser uma alegoria para a dimensão da Indústria Cultural ao representar tanto a conscientização de Nada quanto a sua anterior alienação. O encontro dos óculos é diretamente vinculado à Justiceville, local que media momentos extremos desde a vivência comunitária pacífica até a repressão policial violenta. Os óculos acompanham Nada para outras expressões alegóricas do funcionamento da Indústria Cultural, como a dimensão representativa dos anúncios, nas formas de outdoors, revistas, anúncios de televisão, quando desveladas de sua máscara, revelam sua face objetivamente alienante.

A *televisão* constitui outra alegoria relevante para a estrutura do filme considerando que conecta os diversos momentos de Conspiração e

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

Contraconspiração. Isso ocorre ao apresentar tanto no início as tentativas dos revolucionários quanto de ser o local de revelação final que indica que o plano rebelde funcionou.

Espaços intermediários na estrutura de *They Live*, como a igreja e o banco em que Nada adentra, desempenham papéis progressivos na história. A igreja funciona como um falso espaço religioso, uma vez que acoberta a Contraconspiração. Por outro lado, o banco é o local onde Nada sequestra Holly e a conhece. O beco onde Nada e Frank lutam é a mediação entre a alienação e a conscientização entre dois personagens que estão na mesma dimensão: a de aliados. O esconderijo da resistência desempenha um papel crucial como mediação, representando a luta de classes ao funcionar como o quartel-general dos oprimidos, aliados que buscam emancipação. Ao mesmo tempo, torna-se o local onde Holly entrega informações para enganá-los, uma vez que ela já havia entregado a localização da resistência para a polícia.

A polícia, equipada com drones e várias armas (assim como os rebeldes), em suas diversas cenas de brutalidade e violência, manifesta-se como o braço forte do poder da burguesia. Este poder burguês é encapsulado, sobretudo, na figura do alienígena, representando o estrangeiro que visa dominar e subjugar um povo tido como “inferior”, bem como controlar a vida dos dominados em sua totalidade. Os burgueses são amplamente alegorizados como alienígenas em roupas elegantes, ocupando cargos de poder. O local que melhor reflete essa dinâmica é o Salão de Banquete, onde a luta de classes, sob a perspectiva do opressor, é expressa com a revelação da amplitude dos planos e do poder mantido pelo status quo. A dimensão dos inimigos é, assim, completa: burguesia alienígena, burguesia humana e policiais a serviço desses dois grupos.

A Estação de Televisão representa um ambiente corporativo de extrema relevância alegórica, pois expressa o funcionamento da Indústria Cultural. É neste local que o sinal alienante é transmitido para toda a humanidade ser controlada sem que ela perceba, além de funcionar como ponto de mediação para o desfecho final da Luta de Classes. A Antena é o objeto de transmissão, expressão do processo de Dominação Tecnológica, a ser destruído para os rebeldes libertarem a humanidade.



A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

*Bacurau* (2019), por sua vez, apresenta uma riqueza de alegorias muito peculiar, pelas próprias características do filme. O uso da televisão como potencial alegórico também é evidente, mas com uma abordagem distinta. Enquanto os moradores assistem jornais e vídeos violentos nas telas, a televisão se torna o local onde os primeiros sinais da Conspiração, que envolverá os cidadãos, se tornam perceptíveis. Ela desempenha um papel mediador na cena da escola, onde é utilizado um mapa antigo, simbolizando a relação entre o passado e a modernidade.

O carro-de-som que dissemina notícias e atualizações para a comunidade realiza essa presença tecnológica antiquada, porém inovadora. Esse elemento dialoga com o momento na estrutura da obra em que o espectador conhece o Prefeito da cidade, uma personagem que personifica tanto a opressão que o povo sofre quanto a sua resistência histórica.

O Museu Histórico de Bacurau se mostra um local de mediação, sendo mencionado quando os sulistas chegam à cidade. É também o local essencial para o confronto contra os estrangeiros, pois é onde alguns dos gringos são mortos (e de onde a população retira seu arsenal para lutar).

Os Sulistas se mostram enquanto um grupo de personagens que levam o espectador a conhecer a Conspiração e os demais grupos de personagens que compõem o núcleo de inimigos. Os Estrangeiros, ou Gringos, representam os alienígenas que vêm de longe para oprimir quem consideram inferiores. O Esconderijo deles será o local de desenvolvimento da conspiração e no qual descobre-se o envolvimento de empresários e autoridades locais com os planos genocidas destes. O local funciona como expressão alegórica do sci-fi sertão que acontece em Bacurau: uma mansão antiga, abandonada, recheada de monitores modernos, equipamentos de última geração e um dormitório que lembra o interior de uma nave espacial.

Os estrangeiros, que possuem drones assim como a polícia de *They Live*, também os utilizam para vigiarem seus alvos, acompanhando quem quer que seja para os gringos matarem usando armas vintage, objetos de opressão que também serão os de resposta da população de Bacurau.

A festa em Bacurau funciona como momento de mediação para preparação para a batalha entre os grupos, e onde a capoeira representa a cultura local. Da cultura local também se insere o uso de drogas, um

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

alucinógeno utilizado para momentos difíceis que aumenta a concentração dos moradores, a mescla entre místico e religioso com o rigor estratégico e técnico do embate.

A Escola Municipal de Bacurau é um espaço alegórico importante para todo o filme, sendo mediador desde o início da descoberta da conspiração, bem como local utilizado na luta final pelos moradores para se esconderem e atirarem nos estrangeiros invasores. A Igreja, assim como em *They Live*, é desprovida de seu objetivo sacro para ser o local onde os moradores espalham as cabeças dos inimigos mortos, o desprezo pela religião institucional é explicitado em vários momentos, como a declaração que o prédio virou um depósito. Ao final, o Prefeito representa alegoricamente a classe política a mando da burguesia, concretizando a conspiração dos estrangeiros.

O núcleo de aliados de Bacurau abarca praticamente toda a comunidade da cidade, com acréscimo da gangue do Lunga. O núcleo dos inimigos é composto pelos estrangeiros, pelos sulistas, pelo prefeito e pelos empresários locais.

Em *Videodrome* (1983) a dimensão simbólica inflama a obra por sua própria proposta. É impossível desvencilhar a televisão enquanto alegoria. Sua presença marca o início e o fim do filme, bem como media a estrutura do filme. Está presente no apartamento de Max, no ambiente corporativo de seu canal de televisão, na sede do projeto de O'blivion, no carro de Barren e nas alucinações que Max sofre por conta do sinal videodrome. Toda Dominação Tecnológica que aflige Max é transmitida do virtual para o orgânico através da exposição à tela da televisão.

A Antena se faz presente como alegoria de dominação tecnológica (mesmo que sua função seja falsa, como se descobre na parte final do filme). Este objeto expressa a capacidade de obtenção de poder comercial, além de ser um artifício para enganar Max. A Fita-Cassete, por outro lado, é o item que contém em si o videodrome, e que expressa essa qualidade de ter em si e inserir esse conteúdo, tanto para ser reproduzido em uma televisão quanto para intensificar o controle de Barren sob Max. Dessa forma, as Armas, assim como a fita-cassete, tornam-se objetos com objetivos que desempenham a mediação entre o orgânico e o tecnológico, o virtual e o

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

real. Isso ocorre à medida que a arma se integra ao corpo de Max e ele a retira da tela da televisão. O processo de coisificação de Max é mediado por essas alegorias ao longo da estrutura da obra, evidenciando a interconexão entre elementos tecnológicos e orgânicos na narrativa.

O par de Óculos e o Dispositivo Visor que Max utiliza também expressam essa lógica de alienação e consciência de sua própria situação, um controle dominador disfarçado de libertação, a qual Max nunca mais chegará a experimentar. A Loja de Óculos será o local derradeiro para essa conspiração ser potencializada por Barren contra Max.

Dentro dos locais que realizam essas mediações, o Apartamento de Max acompanha diversas cenas, com finalidade de ser um ambiente de individualidade onde ele cede à tentação de ficar cada vez mais controlado pelo videodrome. Como consequência desse projeto de Conspiração, também constitui o local onde a personagem desenvolve seu relacionamento com Nicki.

O ambiente empresarial, assim como em *They Live*, também é composto com corredores e salas de reuniões, porém é a expressão desses espaços de negócios e de disputa capitalista entre a burguesia, complementado por outros locais, como o restaurante que Masha e Max vão para acordar trocas comerciais.

A Sala de Sinal Clandestina constitui o local de mediação entre expressar a captação do sinal do videodrome pela Antena, como parte do funcionamento da Conspiração, assim como da revelação desta ao final.

Esses espaços estão em diálogo com o Estúdio do programa de televisão, que reúne diversas autoridades da mídia. Todos esses são cenários nos quais a Indústria Cultural se mostra como produtos, nos quais a burguesia e especialistas dão suas opiniões sobre seus próprios feitos.

Por fim, o Centro da Missão Catódica, coordenada por Bianca O'blivion e por seu falecido pai, é um local de mediação entre as telas da televisão para mediação com as classes pobres. É lá que a dominação tecnológica assume o papel de cura do corpo e mente humana, em uma transformação do virtual em religião. Neste espaço, Max descobre a conspiração e a contraconspiração, sendo espaço para que o controle sob sua mente e corpo passe de uma para a outra. Os conceitos apresentados, anteriormente, em cada filme foram condensados e resumidos no Quadro 2:



A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
 Victor Finkler Lachowski

Quadro 1 – Dimensão Alegórica e Vínculos com as Ideias

	<b>Indústria cultural</b>	<b>Dominação tecnológica</b>	<b>Luta de classes</b>
<b>They Live</b>	Óculos; Anúncios; Televisores; Estação de TV; Luta no beco.	Antena; Drones; Armas.	Quebras de sinal; Esconderijo rebelde; Sala de banquete; Polícia; armas; Alienígenas burgueses; Rebeldes; Luta armada.
<b>Bacurau</b>	Televisores; Programas Jornalísticos Apagamento dos serviços de comunicação; Carro de Som; DVDs.	Drones; Armas; Tecnologia avançada; Tecnologia vintage.	Museu Histórico; População Local; Sulistas; Gringos; Políticos locais; Esconderijo gringo; Escola local; Cangaceiros modernos; Festa em Bacurau; Luta armada.
<b>Videodrome</b>	Estação de TV; Estúdio de TV; Óculos-Visor.	Sala de sinal clandestina; Antena; Fita-cassete; Arma; Apartamento de Max.	Ambiente empresarial; Centro da Missão Catódica.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Com essa dimensão mapeada, percebe-se a riqueza de Alegorias nos objetos analisados, expressos em objetos, personagens, locais e momentos que movem as Estruturas dos filmes através de imagens-dialéticas que trazem as Ideias de Luta de Classes, Dominação Tecnológica e Indústria Cultural circundando esses Fenômenos.

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

A dimensão alegórica da FC se torna responsável por articular passado, presente e futuro, juntamente com suas contradições, através da instauração de um anacronismo. Esse anacronismo refere-se à falta de uma cronologia linear de inserção de ações, fatos, objetos, personagens e ideais numa época distinta daquela à qual supostamente pertenceriam. Esse fenômeno é evidenciado nas tecnologias alienígenas de *They Live* (1988), nas disponíveis aos gringos no futuro próximo de *Bacurau* (2019) e nas evoluções dos meios de transmissão e reprodução para controle da mente em *Videodrome* (1983).

### Considerações finais

Por meio das análises dos filmes, chegou-se à seguinte divisão de ideias para formação da Constelação Sci-fi: Luta de Classes, Indústria Cultural e Dominação Tecnológica. Com as ideias definidas, fica observável que a estrutura dos filmes corresponde à lógica de Conspiração na qual a configuração dialética de extremidades apresenta a Invasão-Conspiração contra uma Resistência-Contraconspiração como as classificações apropriadas por estarem ancoradas na mesma lógica de dominador e dominado na qual se baseiam as ideias.

A Origem dessas ideias remete à razão de devir da ficção científica. É, então, historicamente explicada pela Revolução Industrial Burguesa, quando a consolidação da burguesia, de seus valores, e do capitalismo ocorrem por novos modelos e relações de produção, que produzem novas divisões da sociedade e novas formas de organização social (Suvin, 1979), e o modo como o desenvolvimento do capitalismo dialogam com os contextos de produção dos objetos.

Uma vastidão de elementos alegóricos, que inclui objetos, locais e personagens (individuais ou em núcleos), formam a dimensão das Alegorias que mediam essas Ideias e dialogam com a Origem e Estrutura dos filmes.

Conclui-se que a Teoria Crítica e o Método das Constelações fornecem a possibilidade de observar esse conjunto de obras através de suas diferenças e transformações. Consequentemente, torna-se possível compreender, como aponta Horkheimer (1980), a interligação do cientista e da ciência por ele desenvolvida com o aparelho social ao seu redor.

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

A abordagem visa combater o positivismo científico e o fetichismo funesto da ciência, enquanto Marcuse (1997, p. 157) enfatiza a necessidade de uma “constante crítica da cientificidade considerando cada nova situação social”.

Espera-se que esta pesquisa tenha revelado possibilidades e potencialidades para investigação da Ficção Científica, do cinema, e de produções artísticas num todo, com a capacidade de atualização e adaptação de teorias e metodologias para espaços anacrônicos e contemporâneos para obtenção de resultados expressivos e, em certa medida, inéditos quanto sua articulação.

### Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. O iluminismo como mistificação das massas. In: *Indústria Cultural e Sociedade*. 5ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2002, p. 5-44.

ADORNO, Theodor. Crítica cultural e sociedade. In: *Indústria Cultural e Sociedade*. 5ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2002, p. 45-61.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Dialética*. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. ed. 1. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia*. In: LIMA, L. C. *Obras escolhidas volume 1: magia e técnica, arte e política*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 21-35, 1987a.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

BUCK-MORSS, S. *The origin of negative dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, And The Frankfurt Institute*. 1ª ed. New York, NY: The Free Press, 1977.

DIDI-HUBERMAN, G. *Quando as imagens tomam posição – o olho da história*, I. 1ª ed. Belo Horizonte-MG; Editora UFMG, 2017.

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

FREEDMAN, C. *Critical theory and science fiction*. 1ª ed. Middletown, Connecticut: Hanover-Wesleyan University Press/University Press of New England, 2000.

HORKHEIMER, M. Filosofia e Teoria Crítica. In ADORNO, T.; BENJAMIN, W.; HABERMAS, J.; HORKHEIMER, M. *Os Pensadores: textos escolhidos*. S. ed. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1980a. p. 155-161.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In ADORNO, T.; BENJAMIN, W.; HABERMAS, J.; HORKHEIMER, M. *Os Pensadores: textos escolhidos*. S. ed. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1980b. p. 117-154.

HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica: uma documentação – Tomo 1*. Trad. Hilde Cohn. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

KEFALIS, C. *When science fiction meets marxism*. Dissident Voice. Fev, 2009.

LE GUIN, U. K. *A mão esquerda da escuridão*. Tradução: Suzana de Alexandria. ed. 2. São Paulo: Aleph, 2014.

MARCUSE, H. Filosofia e Teoria Crítica. In: *Cultura e Sociedade - vol 1*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 137-160, 1997.

MATTOS, C. L. *Luz, Câmera, Ciência: uma análise crítica da representação da ciência em filmes de ficção científica*. 64 p. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: Biblioteca Depositária, Repositório UFSCar, 2018.

MIÉVILLE, C. *Marxismo e fantasia*. Revista Margem Esquerda, n. 23, p. 107-117, 2014.

ROBERTS, A. *Science Fiction*. 1ª ed. New York-NY: Routledge, 2000.

RODRIGUES, E. M. *Ecos do mundo zero: guia de interpretação de futuros, aliens e ciborgues*. 1ª ed. Coimbra-POR: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

ROUANET, S. P. Apresentação. In: BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. ed. 1. São Paulo: Brasiliense, p. 11-47, 1984.

A Constelação Sci-Fi: uma investigação das contradições do  
capitalismo no cinema de ficção científica pela perspectiva da  
Teoria Crítica Frankfurtiana  
Victor Finkler Lachowski

SANTANA, G. O líquido céu do futuro: o cinema de ficção científica na cultura pop. In: SÁ, S. P. de; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. (orgs.). *Cultura Pop*. Salvador/Brasília: EDUFBA/Compós, 2015, p. 151-164.

SOBCHACK, V. C. *Screening space: the American science fiction film*. Rev. ed. of: *The limits of infinity*, 1980. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1997.

SUVIN, D. *Metamorphoses of Science Fiction: on the poetics and history of a literary genre*. New Haven: Yale University Press, 1979.